
Contribuições da linguagem poética à formação do psicólogo clínico a partir da perspectiva fenomenológica existencial

The existential phenomenological perspective of poetic language as a resource to the qualification of clinical psychologists

DOI: 10.12957/ek.2021.53657

André Prado Nunes¹

Universidade de São Paulo

andre.pradonunes@gmail.com

RESUMO

Este artigo busca esclarecer o modo como a linguagem poética pode contribuir na formação clínica do psicólogo, no horizonte da fenomenologia existencial. Tal linguagem busca se diferenciar da linguagem categorial. Enquanto esta se refere a um modo de relação com o mundo através do cálculo e da argumentação lógica, aquela faz referência a uma experiência de desocultamento da verdade na qual a criação de significados não se pretende explicar tudo, reconhecendo o espaço de liberdade do interlocutor e daquilo que se mantém indizível, enigmático. O artigo parte de uma pesquisa de doutoramento realizada sobre um Projeto de Plantão Psicológico conduzido por laboratório universitário em clínica-escola, no qual estagiários a partir do terceiro semestre realizam os seus primeiros atendimentos. Os relatos destes estagiários revelam que a linguagem poética aparece modestamente nos atendimentos quando os estagiários passam a trazer imagens e metáforas pertinentes à condução do processo terapêutico. O surgimento desta linguagem se revelou como um rico recurso à formação, pois ao não buscar convencer o paciente, via raciocínio lógico, possibilitou aos estudantes experienciar como o pensamento meditante na ação clínica propicia libertar o *Dasein* para a busca do sentido, reconduzindo-o ao modo de ser próprio.

¹ Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (2015).

Palavras-chave: Formação do psicólogo. Fenomenologia existencial. Psicologia clínica. Psicologia existencial.

ABSTRACT

This research seeks to clarify how poetic language can contribute to the clinical qualification of a psychologist, within the spectrum of existential phenomenology. Such language seeks to differentiate itself from categorical language. This one refers to a way of relating to the world through calculation and logical argumentation, while the other refers to an experience of unveiling the truth in which the creation of meanings is not intended to explain everything, recognizing the interlocutor's space of freedom and what remains unspeakable, enigmatic. The article is based on a doctoral research carried out on an Emergency Psychological Walk-in Project conducted by a university laboratory in a clinic/school, in which interns from the third semester onwards carry out their first sessions and supervised guidance. The interns' reports show poetic language, appears discreetly in the sessions as the interns gradually provide helpful images and metaphors for the therapeutic process. The appearance of this language turned out to be a worthy resource for training, because since it does not seek to convince the patient through logical reasoning, it enabled the student to experience how meditative thinking in clinical activity allows liberating *Dasein* for the search of meaning, reconducting them to their own way of being.

Keywords: Psychologist Education. Existential Phenomenology. Clinical Psychology. Existential Psychology.

Introdução

Como colaborador de laboratório universitário, desde 2002 tenho participado de projetos de extensão comunitária, bem como de investigações no campo de Aconselhamento Psicológico, na modalidade de plantão psicológico. Em 2015 finalizei o doutorado nesta área e, a partir de algumas considerações levantadas neste trabalho, surgiu o seguinte tema: discutir a formação clínica do psicólogo tendo como ponto de partida a linguagem poética.

Na pesquisa de doutorado eu acompanhei em clínica-escola, durante dois anos, quatro estagiários do terceiro semestre de graduação em Psicologia que, por sua vez, realizaram suas primeiras experiências clínicas ocorridas em um projeto de Atenção Psicológica que se apresentava como “Plantão Psicológico”. O objetivo era investigar como estes estudantes desenvolveram as suas capacidades de escuta e intervenções clínicas, a abordagem era a Fenomenologia Existencial. A explicitação desta compreensão trouxe algumas reflexões interessantes.

Apresentar o estágio aos estudantes, ao mesmo tempo em que se introduziam as primeiras aulas sobre a referida abordagem, revelou-se uma ruptura que convidava o plantonista a constituir saberes de ofício a partir da própria experiência. Seguiu-se a noção de que “não bastaria um acúmulo de informações teóricas sobre este enfoque, sem uma compreensão experiencial do tipo de transformação de atitude que está aí em jogo” (SÁ, AZEVEDO JUNIOR & LEITE, 2010, p. 137).

Entretanto, os relatos evidenciaram que, inicialmente, os estagiários viram nesta proposta uma falta de seriedade e rigorosidade que acabava por justificar o uso dos saberes do senso-comum. Aprender pela experiência também fez com que os plantonistas se vissem sem referências, sentindo-se perdidos e desamparados.

Por essa via, a supervisão apareceu como um espaço privilegiado para o estagiário compreender o plantão a partir do modo como ele pôde compreender-se no atendimento, descobrindo e atentando para o seu jeito de ser clínico. Nesse sentido, a perspectiva fenomenológica existencial apresentou-se de modo distinto do das aulas: pela ação do supervisor em compreender como o estagiário se encontrava afetado pelo encontro com o outro.

A supervisão surgiu ora como lugar reconfortante para o estagiário se situar após o atendimento, ora como espaço de discordâncias e incômodos, pelo qual o plantonista pôde entrar em contato com as vicissitudes que envolvem o exercício profissional, diferenciando-se do senso-comum.

Nas reflexões desta tese acerca da formação em Psicologia a aprendizagem pela experiência ocorreu, sobretudo, no contato do estagiário com os supervisores, pelo qual a perspectiva fenomenológica se apresentou como ação psicológica, rumo a compreensão do atendimento em plantão. Isso significa que os estudantes não versaram diretamente sobre a fenomenologia existencial em seus relatos. Eles disseram da dificuldade nas aulas

de compreender diversas noções desta filosofia. Entretanto algumas de suas ações revelaram entendimento de aspectos importantes desta abordagem. Exemplo disso foi como os estagiários apontaram que, em muitas situações, não era preciso dar respostas ao cliente e nem tentar tirá-lo do sofrimento, mas de estar junto, propiciando contato com estas questões de maneira a explicitar o modo de ser do cliente a ele mesmo. Segundo Morato (2013), tal ação psicológica busca inspiração na compreensão fenomenológica da solicitude em seu modo liberador, pelo qual “compreende-se o outro diante de suas próprias possibilidades, encarregando-o de seu poder-ser para conduzir-se em dada situação, pertinentemente a seu ser-no-mundo” (MORATO, 2013, p. 52).

Diante destas considerações levantadas na pesquisa, algo que denominei na época de “linguagem poética” chamou a minha atenção. A análise dos relatos evidenciou que, usualmente, as intervenções dos estagiários junto aos clientes pautavam-se em argumentações lógicas sobre o comportamento destes no sentido de tentar convencê-los a mudarem, mesmo isso não sendo uma intenção explícita no atendimento. Eles acreditavam que o uso do raciocínio lógico poderia fazer com que os clientes vissem o problema e o “erro” de suas situações conflitantes e, a partir disso, se libertassem desse modo de pensar e agir. Ocorre que, na maioria das vezes, os relatos mostraram que os atendimentos, por esta via, se transformavam numa improdutiva queda de braço entre terapeuta e cliente, cada um tentando convencer o outro de sua verdade e ganhar.

Nesse contexto, o que surgiu de modo tímido, mas instigante, foi outro modo do terapeuta comunicar-se com o cliente. Diante dos imprevistos que uma situação de atendimento demanda, com tudo de inesperado que ela abarca, os relatos mostravam os estagiários utilizando imagens e metáforas simples nos atendimentos, mas que geravam efeitos notáveis. Em um dos atendimentos, por exemplo, o estagiário escutava atentamente o relato de um homem com cerca de 30 anos reclamando de como a sua vida estava estagnada e ele não entendia como ainda morava na casa dos pais e se sentia tão desanimado. Em determinado momento o estagiário, sem saber ao certo dizer como percebia a situação contada pelo cliente, acabou trazendo uma impressão que estava tendo de estar diante de uma pessoa muito frágil e indefesa perante o mundo, tal como um bebê. O cliente não esboçou nenhuma reação neste momento, mas no encontro seguinte ele trouxe justamente uma fala de como a imagem do bebê fez com que ele percebesse que o seu quarto mantinha a mesma decoração desde quando ele era adolescente e de como

aquilo havia gerado nele um despertar da consciência, pois não se dera conta da passagem do tempo até então.

Esse modo discursivo eu denominei na minha tese de linguagem poética, inspirado nos autores Martin Heidegger, João Augusto Pompéia e Adélia Prado. Neste artigo, busco explorar como esse discurso pode contribuir ao atendimento clínico, embora pouco seja discutido no contexto formal da graduação. Outro objetivo deste trabalho é relacionar esta linguagem com o que Heidegger (2000) denominou de pensamento meditante, em contraposição ao pensamento calculante. Deste modo, busco ancorar na Fenomenologia Existencial o fenômeno da linguagem poética desvelado nos relatos dos entrevistados, aqui revisitados.

Diante desta escrita inicial e dos objetivos agora apresentados, torna-se necessário esclarecer algumas noções filosóficas prévias, que fundamentam o entendimento da discussão a ser apresentada em seguida. No item a seguir, não se pretende perseguir e sintetizar toda a ontologia proposta por Heidegger, mas, atentar para aquilo que confere embasamento a própria compreensão do que se denomina “linguagem poética”. Destarte, se revela pertinente apresentar a noção deste autor sobre a linguagem, pertencente à própria noção de “ser-no-mundo-com outros”, traço fundamental do *Dasein* e que também demanda esclarecimento devido.

O desvelar da linguagem e os seus modos discursivos a partir da noção fenomenológica de “ser-no-mundo-com outros”

Heidegger, em sua extensa reflexão sobre o que é mundo, afirma que tal questionamento não deve provir de livros ou correntes filosóficas, mas devem estar enraizadas na “penúria essencial do ser-aí mesmo” (2011, p. 220) como possibilidade de torná-lo transparente para si mesmo. Tal penúria refere-se à condição de desalojamento e de indeterminação do *Dasein*, concomitantemente a sua tarefa de busca pelo sentido do seu existir. Em suas considerações, o pensador destaca que “a pedra é *sem-mundo*, o animal é *pobre de mundo* e o homem é *formador de mundo*” (HEIDEGGER, 2011, p. 230), esclarecendo as três maneiras com as quais o ente pode ser ligado ao mundo. Diferentemente de uma noção quantitativa de pobreza, Heidegger coloca a expressão “pobreza de mundo”, relacionando-a a uma privação e falta de algo que diferencia a

animalidade do modo de ser do homem (*Dasein*). Essa diferença não deve ajuizar a condição animal depreciativamente, mas marcar justamente onde reside sua própria determinação animal. Posto isto, o que é este “algo” do qual a condição animal se encontra privada?

Para o autor esta diferença não se encontra na noção de consciência, tão presente nas teorias psicológicas. A diferença reside no tipo de acessabilidade que o ente tem em relação a si próprio uma vez lançado no aí. O animal possui mundo, mas de uma forma restrita e estreita, não sendo algo simplesmente dado como a pedra, mas também com uma espécie e grau diferente do mundo do homem. O animal, em sua condição, está aprisionado e perturbado pela determinação das funções de sobrevivência do seu organismo, cuja compreensão lhe escapa. Já o homem é marcado pela indeterminação e o seu modo de ser próprio (*Dasein*) revela-se enquanto abertura de sentido. O animal é caracterizado por um estar-aberto mas lhe falta a possibilidade de perceber, enquanto ente, isto para o que ele está aberto. Possibilidade esta que configura o *Dasein*. O estar-aberto do homem é um vir-ao-encontro, o estar aberto do animal é um ser-absorvido por (HEIDEGGER, 2011).

Na maior parte do tempo, o *Dasein* possui um entendimento vulgar e cotidiano sobre si como algo simplesmente dado, absorvido em suas ocupações como se o sentido do seu existir já estivesse dado sem necessitar maiores questionamentos. Entretanto, é a indeterminação do *Dasein* e sua abertura de sentido que se configuram como o seu modo de ser mais próprio e originário. O sentido do seu existir está sempre em jogo, não sendo determinado por qualquer função prévia. Deste modo:

O ser-aí (*Dasein*) no homem forma o mundo: 1. ele o instala; 2. ele fornece uma imagem, um aspecto do mundo, ele o apresenta; 3. ele o perfaz, ele é o que enquadra e envolve. (...) O fato de falarmos deste sentido triplo de mundo é um jogo de linguagem? Certamente! De maneira mais exata ele implica uma disposição para entrar em seu jogo (HEIDEGGER, 2011, p. 366)

Destarte, para o pensamento fenomenológico existencial, o mundo não é uma estrutura objetiva simplesmente dada ou um fenômeno isolado do *Dasein*. Como o termo “ser-aí” revela, mundo é abertura do ente enquanto tal na totalidade (“ele o instala”). O ser-aí que compreende se retém desde o princípio e a partir de seu próprio fundamento ante o nada, é mantido exposto ao nada. Mas ao invés de cair no niilismo puro, Heidegger (2011, p. 383) afirma que “o nada não é vazio nulo, mas o poder contantemente repulsivo que só repele para o interior do ser e permite que nos aspodemos do ser-aí”. O ser-retido

no nada é o jeito fundamental, segundo o qual o ser-aí enquanto tal temporaliza o seu poder-ser.

Nota-se ainda na citação acima como linguagem e mundo possuem uma conexão interna na noção do *Dasein* como formador de mundo. Inclusive Heidegger aponta como os gregos, a partir de Aristóteles, pensavam o homem como o ser vivo que tem enquanto posse essencial a possibilidade do discurso. Discurso e linguagem aqui são correspondentes e:

Tal termo designa mais do que a totalidade do vocabulário: ele designa a capacidade fundamental de pode discursar e, consequentemente, falar. (...) O discurso e a linguagem formam a dimensão da compreensibilidade, do expressar-se, do pedir, do desejar, do perguntar, do narrar mutuamente. O discurso dá a compreender e exige compreensão. Segundo a sua essência, ele se volta para a livre assunção de uma atitude e para uma livre ação de homens entre si (HEIDEGGER, 2011, p. 392)

No círculo da compreensibilidade, a linguagem é o fundamento para que o *Dasein* em seu “estar-lançado” (*ek-stasis*) desvele-se, formando mundo no e pelo discurso. Neste contexto, se pode afirmar que “mundo” revela-se como rede múltipla de significações e símbolos, instaurados pela tradição e, simultaneamente abertos a um vir-a-ser. E a imagem da rede também remete a fios entrelaçando espaços vazios (nada), de modo a sustentar a noção de mundo como abertura do ente enquanto tal na totalidade.

A ideia de uma livre ação de homens entre si, revela o homem como ser-com, essencialmente relacionado com o outro, tendo a linguagem como discurso. Ela não é uma capacidade de comunicação, algo acessório que o homem possui, mas a abertura original de diversas maneiras pelo homem, cuida daquilo que é: “na medida em que somos diálogo, o ser-com faz parte do homem” (HEIDEGGER, 2017, p. 153).

Por essa via, o próprio Heidegger nos Seminários de Zollikon aproxima a noção aristotélica do homem como “aquele animal que fala” da ideia de gesto:

O que significa palavra gesto [*Gebärde*]? Segundo a língua alemã, etimologicamente provém de “portar” [*bären*] = carregar, trazer. Também gestar [*Gebären*] vem da mesma origem. “*Ge*” significa sempre estar numa reunião (...) Na filosofia não devemos limitar a palavra gesto à interpretação “expressão”, mas sim indicar todo o comportamento do ser humano como como um ser-no-mundo determinado pelo corporar do corpo (HEIDEGGER, 2017, p. 110).

Assim, cada movimento do corpo, qualquer comportamento do *Dasein*, é carregado de sentido, comunica algo, se dirige a algo ou alguém. Deste modo, o discurso

propiciado pela linguagem comporta tanto a possibilidade da fala quanto a compreensão disposta na escuta e no silêncio.

Ocorre que, na maior parte do tempo, o *Dasein* não se entende desta forma originária, mas, decaído na impessoalidade cotidiana, como algo simplesmente dado. A impessoalidade é uma possibilidade existencial constitutiva da abertura na qual o *Dasein* se esquece da sua indeterminação, tomando os significados sobre si que estão aí colocados no mundo como sentido e origem “natural” do seu existir (SODELLI & SODELLI, 2011; POMPEIA, J. A. & SAPIENZA, 2013).

O refúgio na impessoalidade não deve ser tomado por uma conotação pejorativa e nem se deve buscar ingenuamente eliminá-lo. Como dimensão constitutiva do *Dasein*, ao mesmo tempo em que possui a característica de alienar o *Dasein* de si próprio, ela propicia alívio ao desonera-lo da tarefa e do cuidado de ter que ser. Além disso, a impropriedade confere contexto de relação com a vida, organiza mundos.

Na branda ditadura da impessoalidade, o discurso se revela como falatório (*Gerede*), marcado por um falar por mero falar, de modo a repetir e passar adiante a fala sem se atentar ou se apropriar do sentido daquilo que se escutou. É o discurso marcado pela indiferença e pela superficialidade, cujo conteúdo é o já dito e repetido de diversas formas. No falatório o *Dasein* se impessoaliza e se objetifica, pois este discurso limita a possibilidade de uma interpretação apropriadora das possibilidades mundanas, fechando o ser do que se escuta, se compreende e se comunica. O *Dasein* toma a si mesmo por aquilo que ele não é, um ente cujo modo de ser fosse simplesmente dado.

Outra possibilidade do discurso está no que Heidegger (1977, 1995, 2003) denominou linguagem essencial, língua de tradição ou linguagem poética. Como o próprio autor comenta:

Libertar a linguagem da gramática, para um contexto Essencial mais originário, está reservado ao pensar e poetizar. O pensamento não é apenas “l’engagement dans l’action” para e pelo ente no sentido do real da situação presente. O pensamento é “l’engagement” pela e para a Verdade do Ser (HEIDEGGER, 1979, p. 25-26)

Libertar a linguagem significa se afastar do falatório e despojar a linguagem da função que geralmente lhe conferem, a saber, como instrumento à disposição do homem para acúmulo de informações a respeito dos entes, de modo a aumentar o controle técnico do homem sobre o mundo (HEIDEGGER, 2017). A linguagem poética é uma exposição ao estranho, uma suspensão dos significados previamente fixados pela tradição. A sua

utilidade não está em obter e acumular conhecimento. De fato, ela não possui utilidade pois não se desvela como instrumento e sim como a própria morada do ser no e pelo qual este acede à experiência de escuta do apelo do ser, desvelando-o como a clareira aberta e sem nome em que tudo se dá, assim como o próprio dar-se do que é (HEIDEGGER, 2017).

Diante da apresentação destas noções fenomenológicas, é possível dar continuidade às reflexões propostas de como a linguagem poética pode contribuir ao atendimento clínico e de como é possível relacioná-la com o que Heidegger articula como pensamento meditante. Antes, porém, é pertinente retomar a trajetória do pesquisador no sentido de ampliar o contexto no qual esses questionamentos se apresentaram.

Desvelando o percurso do pesquisador no qual as reflexões se contextualizam

Em conversas com demais colegas de profissão, é curioso notar como as discussões sobre a formação se detém no âmbito técnico deixando muitas vezes escapar os aspectos experienciais desta temática. Explorar esse tema tornou-se relevante, pois não encontrei muitos trabalhos que discutam este aspecto “poético” quando a formação em Psicologia é colocada em foco. Pelo contrário, mesmo trabalhando com supervisão em clínicas-escola de universidades há quase vinte anos pouco observei neste sentido. É como se houvesse um pressuposto, de que esses aspectos ocorrem “naturalmente”, sem a necessidade de maior esforço reflexivo.

O termo “naturalmente” aparece destacado justamente porque durante a minha formação e mesmo na análise dos relatos da minha investigação de doutoramento, a linguagem poética embora pouco lapidada tampouco se mostrou como algo da ordem do instintivo ou inato. Pode se pensar pouco sobre, o que não quer dizer que não exista um esforço interpretativo por parte do terapeuta em tentar encontrar a “palavra-imagem” certa que toque o cliente, propiciando movimento².

² A ideia de movimento se aproxima das considerações de Magliano & Sá (2017), a partir do pensamento de Medard Boss, nas quais o movimento se opõe à rigidez, que seria um modo restrito e adoecedor de

Nas indas e vindas deste percurso, deparei-me com o trecho abaixo, retirado de um conto de Guimarães Rosa, no qual consegui compreender com mais clareza o equívoco presente neste pressuposto. É que a pressa dos dias tende a conduzir todos a não se debruçarem para refletir sobre o que ocorre vida afora, pois:

Viver é encargo de pouco proveito e muito desempenho, não nos dando por ora lazer para nos ocuparmos em aumentar a riqueza, a beleza, a expressividade da língua. Nem nos faz falta capturar verbalmente a cinematografia divididíssima dos fatos ou traduzir aos milésimos os movimentos da alma e do espírito. A coisa pode ir indo assim mesmo à grossa. (ROSA, 1985, p. 77)

Esta escrita de Guimarães Rosa foi uma provocação para que eu pudesse pensar no modo como se vive cotidianamente. Neste sentido, é pertinente uma aproximação deste trecho com a noção fenomenológica denominada por Heidegger de “compreensão” (*Verstehen*). Essa é uma dimensão essencial e ontológica do *Dasein* juntamente com a “disposição” (*Befindlichkeit*). A partir do que é apontado na obra *Ser e tempo*, a compreensão como existencial é algo basal, fundante e “modo fundamental do *Dasein*” (HEIDEGGER, 2001, p. 198). O *Dasein* é o ser que nós somos, tomado aqui como clareira, abertura de sentido: existência indeterminada cuja essência (sentido) constitui-se ao longo da trajetória do existir. A compreensão como o esclarecimento de algo é um derivado existencial e ôntico desta outra compreensão originária.

Neste sentido, conforme discutido no item anterior, pode-se pensar que de início e na maior parte das vezes, essa compreensão tende ao encobrimento e à impessoalidade. Segundo Heidegger (2001, p. 199-200): “Como uma tal compreensão, ela “sabe” *a quantas* ela mesma anda, isto é, a quantas anda o seu poder-ser. (...) E somente *porque* o *Dasein* é na compreensão de seu pre é que ele *pode-se* perder e desconhecer”. No cotidiano, o homem se esquece de sua capacidade de interrogar pelo sentido das coisas e do existir, tomando a si e ao mundo como previamente dados: a coisa pode ir indo assim mesmo à grossa. Aquilo que lhe aparece desvela-se num horizonte de instrumentalidade,

existir. A rigidez busca fixar o *Dasein* como “coisa”, algo com representação única e inequívoca. Tal possibilidade existencial busca restringir e limitar a abertura original do *Dasein* no seu vir-a-ser. Toda abertura compreende limites e movimentar-se na clareira permite ao *Dasein* não se fixar em certezas restritivas, exercitando o caráter mais próprio de sua liberdade, atendendo aos apelos do ser.

como objetos cujo sentido é natural, seguro e aos quais lhe cabe ocupar-se (*Besorgen*) sem maiores desafios ou surpresas (SÁ, 2006).

Esse horizonte da instrumentalidade se inscreve no que Heidegger (2010, p. 24) denominou como “Era da técnica”. Trata-se do horizonte de sentido contemporâneo no qual a técnica presente na ciência moderna não se revela apenas como modo de produção de algo, mas de configuração de mundo. O panorama da técnica concebe um mundo no qual tudo pode ser produzido e, como produtos, tudo é mensurável, aprimorado, substituído, vendido. A técnica envolve procedimentos impessoais e autônomos visando a resultados cada vez mais exatos, seguros e rápidos: “uma técnica deve poder ser usada por não importa quem, contato que seja bem aprendida” (POMPEIA, J. A. & SAPIENZA, B. T., 2011, p. 126). Nesta época, a vontade de controle e previsibilidade encontra-se em todas as relações do *Dasein*, inclusive consigo. Destarte, o *Dasein* também se encontra submetido aos princípios da técnica, sendo aprisionado no entendimento restrito de algo dado como um produto, uma máquina a ser aperfeiçoada, controlada, mensurada.

A partir destas considerações, o esforço para se pensar a formação clínica do psicólogo para além dos seus usuais aspectos técnicos, tendo em vista esclarecer os seus aspectos experienciais no âmbito da linguagem poética, conduziu-me a pensar na questão do *encontro* e no que ele guarda de fascinante e, ao mesmo tempo, temível. Seria interessante discorrer sobre este tema de um modo puramente teórico, mas debruçar-me sobre esses meandros fez com que eu também percebesse que parte da minha motivação nesta investigação se originou bem antes de eu me debruçar sobre as experiências dos estagiários em atendimento. Talvez a motivação deste pesquisador não caiba no escopo deste artigo, mas ela deva ser ao menos reconhecida. Trata-se de uma vertente metodológica já reconhecida no campo das ciências humanas e da própria Psicologia (GADAMER, 1997; CRITELLI, 1996; CABRAL & MORATO, 2013) na qual o investigador deve estar ciente de seu olhar e inserir-se na própria ação investigativa ao explicitar as suas expectativas e saberes prévios:

[...] o sentido somente se manifesta porque quem lê o texto lê a partir de determinadas expectativas e na perspectiva de um sentido determinado. A compreensão do que está posto no texto consiste precisamente na elaboração desse projeto prévio que, obviamente, tem que ir sendo constantemente revisado com base no que se dá conforme se avança na penetração do sentido. (GADAMER, 1997, p. 402)

Neste contexto, ainda na graduação, houve uma situação marcante na qual eu falava em grupo de supervisão sobre uma situação delicada ocorrida em um projeto de Plantão Psicológico em um Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Eu estava no limite da aflição por não conseguir me fazer entender e com vergonha por não ter “desempanhado” bem o que supostamente seria o “papel de psicólogo”. Foi quando a supervisora sugeriu que eu passara por algum tipo de assédio camuflado no modo como um soldado havia se aproximado durante o plantão. Tal colocação atenta, dirigindo-se nem tanto ao que eu falava e mais ao que demonstravam meus gestos agitados e tensos calou fundo na minha inquietação. Pela primeira vez na minha formação, caí em prantos na frente de todos. Foi um momento libertador. Não só por ter sido compreendido pela supervisora, mas também por esse entendimento ter sido respeitosamente coletivo.

Assim, pensar sobre a formação clínica em Psicologia trouxe a questão do encontro no qual a comunicação nele estabelecida abriu-se como enigma a ser desvendado. O que é isso que ocorre no encontro de atendimento ou de supervisão que propicia alguém ser compreendido ou não em sua história? Como ser compreendido pelo outro abre uma possibilidade de pertencer e legitimar a mim mesmo? Como os mal-entendidos podem me levar a uma alienação e isolamento que, eventualmente, conduzem a um adoecimento? Pois, nas palavras do psiquiatra fenomenológico Van Den Berg: “A psicopatologia pode ser conceituada como a ciência da solidão ou do isolamento humano” (BERG, 2003, p. 01). Enfim, como pensar nos modos como a compreensão se abre faticamente para nós?

Com estes questionamentos em vista, surgidos no caminhar por esta trajetória investigativa, se torna pertinente agora debruchar-se sobre as experiências dos estagiários em seus primeiros atendimentos. Tal virada, conduzirá de maneira mais sólida as reflexões sobre as possíveis contribuições da linguagem poética para a formação em Psicologia.

Considerações sobre a linguagem poética e pensamento meditante nos atendimentos clínicos

No cenário dos primeiros atendimentos dos estagiários na perspectiva fenomenológica existencial, posso afirmar que a experiência como supervisor, vem

mostrando que os estudantes chegam com repertórios de expressão, ideais e ações cada vez mais restritos. Apresentam-se como que “murchos”, desgastados, desbastados, cansados. Suas falas parecem estar destituídas da voz do dono.

Em seus relatos, houve momentos na supervisão em que ser apontado sobre algo no atendimento foi entendido como correção de comportamento rumo a modelo: “fez-se de um jeito errado e deveria ser de outro modo”. Nestas situações se explicitava como a atitude fenomenológica e o plantão eram entendidos mais pelo viés da técnica, que diz o jeito correto de se fazer algo para alcançar certos resultados, sendo o supervisor modelo de psicólogo a ser seguido (POMPEIA & SAPIENZA, 2011).

Outra questão que apareceu nos relatos foi o uso excessivo das falas explicativas nos atendimentos. Em diversos momentos em que o estagiário se angustiava e “não sabia o que fazer”, a saída encontrada foi dar uma explicação teórica para o que estava sendo relatado, o que acabava por distanciá-lo da singularidade daquele encontro. Tais explicações revelaram-se insuficientes para acolher o sofrimento do cliente.

Neste sentido, um dos relatos trouxe um atendimento no qual a plantonista apresentou a cliente como alguém na defensiva e com um discurso bem distanciado. Ela disse que a cliente não a ouvia direito e falava de maneira impessoal, usando termos genéricos como “as pessoas” e “a sociedade” para falar de si e justificar uma situação de *bullying* que sofrera nos tempos do colégio. Como a estagiária colocou: “A cliente dizia que estava difícil se relacionar com os outros e parecia que ela só queria uma resposta prática que se encaixasse nas suas próprias explicações de que ela era estranha e superdotada e por isso o *bullying* aconteceu”.

A estagiária observou estes aspectos da cliente e passou a questioná-la sobre os seus sentimentos em relação àquilo, na tentativa de fazer a cliente sair do discurso distanciado. Ela então ia se frustrando à medida em que a cliente mantinha suas justificativas e continuava a falar do seu sofrimento de modo distanciado. A estagiária reclamou então da sua falta de experiência e o atendimento foi encerrado, sem que a cliente retornasse ao serviço, o que aumentou a sensação de frustração da plantonista.

Nesta situação, embora a estagiária não tenha apresentado diretamente uma explicação à cliente, ela pareceu agir a partir do seguinte raciocínio: cliente com dificuldades de entrar em contato com as emoções só pode se livrar dessa dificuldade falando dessas emoções, se aproximando delas. Está aí um pensamento causal redondo e

que ainda justifica a postura do psicólogo no atendimento: *fazer* a cliente resistente sair do discurso distanciado, questionando os seus sentimentos.

Mas se a plantonista reclama da cliente não a escutar direito a recíproca também é verdadeira. A plantonista insistiu na mesma linha de perguntas, mesmo percebendo que o distanciamento da cliente se mantinha e se reforçava com mais justificativas. A estagiária não percebeu que havia algo ali que não fora escutado e que, portanto, permaneceu veladamente incompreendido. Assim, o atendimento se transformou numa arena na qual ambos os lados buscavam surdamente convencer o outro sobre a verdade de suas próprias explicações.

Este pensamento explicativo, fixado no raciocínio causal, não é exclusivo desta estagiária ou da cliente. Heidegger (2000), em um texto conhecido como “Serenidade”, denomina este raciocínio como sendo o pensamento “calculante”. Habitando a era da técnica, na qual todos os entes, inclusive o próprio homem, são pensados a partir da dimensão de sua função, utilidade e consumo, o cálculo, em sua capacidade de atingir resultados rápidos, impõe-se como o modo dominante de pensar. Isto porque a época atual é marcada pela tentativa de controle e previsão dos fenômenos, submetendo-os ao método do cálculo de modo a explorar e armazenar produtos a serviço do homem.

Este cenário tem conduzido grande parte da população a um inegável avanço científico sem precedentes, que se traduz, por exemplo, no aumento da expectativa de vida. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na década de 1970, a expectativa de vida média do brasileiro era de 60 anos. Em 2015 é de 74.68 anos. Assim, pode-se afirmar que o pensamento calculante trouxe, a partir da Idade Moderna, maior comodidade, longevidade e bem-estar em diversas áreas da existência.

Entretanto, na outra face da mesma moeda, o pensamento “calculante” reduz a dimensão mais originária da compreensão ao exercício do convencimento, pela via racional. Retornando ao exemplo da estagiária, por mais que ela possa ter aparentemente compreendido o que se passava, essa compreensão não foi ampla o suficiente para propiciar uma reflexão à cliente. Esta chegou com certezas prévias (eventuais motivos de ter sofrido *bullying*) que buscou confirmar junto a estagiária (representante do saber científico), mantendo-se nestas certezas ao longo de todo o atendimento. Pertinente seria a cliente ter questionado, mesmo que brevemente, tais certezas. Ou mesmo, considerando que o espaço de um primeiro atendimento não conseguisse propiciar tal movimento, que

o modo-de-ser restritivo “fechado” e “impessoal” percebido pela estagiária fosse apontado.

Não se deve presumir aqui a ideia de que seja possível realizar uma compreensão total ou global da situação: quando algo se desvela, outro dizer possível se encobre. Mas, buscando *fazer* algo pela cliente – retirá-la do seu distanciamento – a plantonista insistiu em convencê-la a falar de sentimentos que já de início a cliente pontuou serem difíceis de entrar em contato.

Ao discutir o ser-clínico do profissional de saúde, Morato (2013) descreve como este tipo de intervenção, na qual se busca fazer algo pelo cliente, se aproxima do que Heidegger denominou de modo da substituição, uma das formas básicas da solicitude. Segundo a autora, o profissional de saúde, intencionado em atenuar o sofrimento do outro:

toma o lugar do outro em sua tarefa de cuidar de ser, retirando-o de realizador de suas próprias possibilidades. Refere-se a quando o profissional da saúde e da educação, ao invés de acompanhar seu cliente em suas possibilidades, como testemunha, compreende-o por interpretações de diversas teorias explicativas, ou por prescrições tecnicamente padronizadas, por atitude autoritária portadora da verdade sobre a experiência (MORATO, 2013, p. 02)

Por outro lado, tal atitude autoritária do profissional também se relaciona com uma dificuldade do paciente em descortinar a sua própria verdade. Pompéia & Sapienza (2013, p. 161), ao discutirem a possibilidade de se caracterizar a psicoterapia de inspiração fenomenológica existencial, apontam como a aproximação da verdade, embora seja libertadora, geralmente é algo doloroso, envolvendo o reconhecimento e a perda de ilusões, além de sentimentos conflitantes, como culpa e vergonha:

Na terapia, o que fazemos é reencontrar a expressão do nosso modo de sentir, o re-cordado, principalmente aquelas coisas que já nos foram caras, que já foram coisas do coração, mas que perderam esse vínculo em virtude de dificuldades de comunicação, tornaram-se desgastadas. (...) Quando isso acontece, encontramos uma verdade. Uma verdade assim encontrada nunca é relativa. Quando ela se manifesta, nós somos parte dela e não há como relativizar isso. (...) terapeuta e paciente buscam juntos alguma forma de verdade que possa colocar o paciente outra vez em liberdade; liberdade que foi perdida pela doença, pela neurose, pela angústia ou pela culpa, e que, ao ser reinstaurada, liberta. Mas mesmo esse lado positivo, da liberdade, ou seja, poder dedicar-se a um sentido, também pode ser incômodo, porque o sentido as vezes não está claro ou parece inatingível.

É de se esperar, por essa via, que a cliente, quase coagida pela plantonista, se mantenha distante dos seus sentimentos e reforce ainda mais as suas justificativas para

não entrar em contato consigo, obscurecendo a possibilidade do seu modo de ser poder ser visto naquele atendimento.

Por onde seguir frente ao impasse gerado por esse mal-entendido? O relato de outro plantonista indicou uma trilha possível. Ele contou o seguinte:

Atendi um homem casado que veio ao plantão a pedido de sua amante para decidir com qual das duas mulheres ele ficaria. Ele pedia ajuda para resolver esta situação, mas, por mais que reclamasse, ele falava disso com orgulho! Dava a impressão de um movimento pendular e de que não era algo que ele realmente quisesse resolver. Mesmo sem isso estar muito claro na hora, eu consegui dizer essas impressões para ele e fez muito sentido!

Ao longo do atendimento, o estagiário percebeu que, embora o marido pedisse ajuda para resolver o impasse, ele parecia se orgulhar do fato de ter duas mulheres disputando-o. Ao tentar compreender esse pedido, o plantonista foi descobrindo alguém que talvez gostasse daquela situação e não desejasse mudar. O cliente não expressou essa vontade em palavras, mas pareceu mostrar-se assim na relação. Como saber? Ele pedia ajuda, mas antes afirmara que veio ao plantão a pedido de sua amante. Ele veio porque queria ou somente para agradar à amante? Como compreender o que o motivava a estar ali?

A impressão era a de um “movimento pendular”: alguém que oscilava de um lado a outro e não conseguia tomar uma posição... nem com relação ao fato de ter ido ao plantão. O cliente jogava para a amante e para o estagiário a responsabilidade de tomar uma decisão, aparentando um desresponsabilizar-se.

O estagiário poderia ter atendido ao pedido do cliente e auxiliado a escolher uma das duas mulheres. Entretanto, diante de um cliente que vacilava, ele compreendeu que não se tratava de dar respostas ou encontrar motivos escondidos, mas de apontar ao cliente o modo ambíguo como ele se apresentava no atendimento.

Mesmo sem certeza, ele arriscou e pontuou o movimento do cliente sem a necessidade de convencê-lo. Ele respondeu à situação sem atender diretamente o pedido: o seu gesto convidou o cliente a lidar com a questão de não conseguir assumir o estar ali. Ele confrontou o cliente com o seu modo de ser, a partir do que percebera. O gesto do plantonista, ao mesmo tempo em que afirmava, também questionava o cliente, como se dissesse: e agora, como seguir adiante?

A compreensão desse atendimento foi mais ampla do que a da outra estagiária e nos remete à estrutura mais originária do ser como compreensibilidade em disposição:

não se trata de convencer, mas de uma sugestão que pro-voca (chama) e desvela (ilumina), projetando o ser da presença para a sua destinação (HEIDEGGER, 2001). Morato (2013, p. 02, 07) compreende esta forma básica de solicitude perante o outro, como modo liberador:

compreende-se o outro diante de suas próprias possibilidades, encarregando-o de seu poder-ser para conduzir-se em dada situação, pertinentemente a seu ser-no-mundo. (...) É ação psicológica abrir o cuidar de ser sob própria responsabilidade como bem-vindo, levando o cliente a assumir-se como referência de si mesmo para possibilidades dada pela situação: destinar-se em apropriação.

O terapeuta aqui não pretende “fazer algo” pelo cliente, mas “estar junto a”, testemunhando a narrativa do vivido como cuidado. Não se trata de uma tarefa fácil, pois na “Era da Técnica”, os clientes tendem a buscar por soluções rápidas e indolores. “Estar junto a” requer do terapeuta uma reverência humilde à singularidade de quem o procura, estando disposto a suportar e acolher o “não saber”, o silêncio, o ter de aguardar pacientemente que algo se revele e que isto não depende da vontade dos interlocutores, mas reside na confiança das possibilidades do vir-a-ser.

Afastando o desejo de controle, se descortina nesta situação a aproximação de um pensar denominado por Heidegger de meditante. Como afirma o filósofo: “O pensamento meditante exige de nós que não nos fixemos sobre um só aspecto das coisas, que não sejamos prisioneiros de uma representação, que não nos lancemos dentro de uma única via, dentro de uma só direção” (HEIDEGGER, 2000, p. 144). É um pensamento que propicia que as coisas venham à luz por si mesmas, permitindo um situar-se de como nos encontramos, abrindo possibilidades outras até então não visadas. A verdade que se insinua no atendimento não busca convencer, mas desvelar-se, calando fundo na alma – fazendo sentido.

Por essa via a sugestão do terapeuta que con-voca o cliente se alinha não a uma linguagem explicativa, mas àquilo que pode ser considerada uma fala poética. Aqui esta fala possui uma função terapêutica pois convida o cliente a re-pensar a situação conflitante entre ele e as duas mulheres. A imagem do pêndulo, cuja graça e sentido está justamente no contínuo *movimento* de ir de um lado para o outro, aponta para o sentido autêntico daquilo que o cliente buscava expressar ou, neste caso, esconder. A imagem precisa desnuda o cliente conduzindo-o a um apropriar-se na situação conflitante. Como ele irá se comportar diante dessa verdade (manterá a farsa? mudará de atitude?) é posterior

ao fato de que agora ele não está mais cego ou ingênuo para perceber *como* ele se encontra nesta situação. Também é importante salientar, que este entendimento não ocorreu no isolamento, sendo legitimado e testemunhado na e pela presença do terapeuta e sua escuta atenta.

Mas, pensar numa eventual função terapêutica da fala poética gera estranhamento, pois a linguagem poética por definição não possui função alguma. É uma linguagem que se apresenta livre do usual domínio utilitário das coisas ao nosso redor.

Destarte, apresentar a linguagem poética como recurso para o psicólogo não deve ser uma relação feita de modo apressado, necessitando maior elucidação. Ainda assim, algo no pensamento meditante e na linguagem poética parece se irmanar. Trago dois dizeres neste sentido que se mostram profícuos. O primeiro é do já citado psiquiatra Vand Den Berg. O segundo é trecho de uma entrevista da poetisa Adélia Prado:

As coisas têm algo para nos contar: isto é muito conhecido pelos poetas e pelos pintores; por isso é que os poetas e pintores são fenomenologistas natos. Ou melhor, somos todos nós fenomenologistas natos; mas são os poetas e pintores entre nós que são capazes de transmitir os seus pontos de vistas para os outros, processo este também tentado, laboriosamente, pelo fenomenologista profissional. (...) Fenomenologia é um método, poderíamos mesmo dizer, uma atitude. O seu método constitui um modo de observação... desconfia das observações teóricas e objetivas... dos julgamentos padronizados. Está convencido que esta espécie de julgamentos mistifica a realidade por meio de uma teoria fácil, mas incorreta e geralmente obscura. (BERG, 2003, p. 26)

“Você é o meio através do qual o ser se expressa no tempo. (...) Nós temos licença poética de falar sobre o ser, é demais, é muita responsabilidade!” (PRADO, 1990, s/n)

Trabalhar com fenomenologia não é acumular uma série de conhecimentos e noções filosóficas sobre o ser. Como Van Den Berg aponta, é antes de tudo, uma atitude, um modo de observação que retira das coisas ao redor os seus significados e explicações usuais e padronizados. Ela abre para o ser o campo de possibilidades esquecido no cotidiano impessoal, de abertura para o mistério, para o deixar vir de algo que se coloca para além das tentativas de controle. Essa atitude, esse modo de olhar o ser e os entes fora da sua utilidade costumeira encontra-se de modo exemplar na figura do poeta.

Já a poetisa nos recorda da nossa tarefa de ter de ser, colocando-nos como seres de cuidado, ente no qual a questão do ser está sempre em jogo, se dá a ver e se expressa em temporalidade. Tal tarefa que não escolhemos e da qual não se escapa, assombra Adelia pela tamanha responsabilidade e é pela linguagem poética que melhor podemos pensar a questão do ser.

Aproximando-me das considerações do pensador Martin Heidegger (1977), a experiência poética refere-se a um gesto criador que permite o desocultamento da verdade. O que o gesto cria? Ele cria mundo, no sentido de ser uma modalidade de linguagem que instaura significados na trama de sentido numa determinada época, no qual transita o existir e se constitui cada singularidade. A criação é compreendida como abertura de clareira “sobre a qual e na qual o homem funda o seu habitar”: mundo, tendo “a terra como o que dá guarida a tudo o que se ergue, para que então essa terra venha à luz como o solo pátrio” (HEIDEGGER, 1977, p. 33)³.

A perspectiva fenomenológica existencial proposta por Heidegger considera a dimensão poética como privilegiada na explicitação da época do ser, bem como do horizonte existencial de cada um:

a arte, para Heidegger, guarda em si o germe de um questionar mais fundamental, que pode nos tirar da névoa do esquecimento do ser e do obscurecimento da medida de nossa época. Assim, os caminhos da arte podem nos levar a lugares mais próximos da pergunta capital de todo pensamento heideggeriano, a saber, a pergunta pelo ser (CLINI, 2013, p. 650).

Nesta perspectiva, a experiência poética é considerada um horizonte de realização da verdade do ser, diferenciando-se da dimensão estética usualmente restrita à compreensão desse fenômeno. Nada melhor do que imaginar uma velha caixa de brinquedos, para se ter uma noção dessa abertura de clareira. Retomo a provocação de Walter Benjamin (1994): para quantas pessoas uma imagem que faz tudo em volta esvanecer não surge de uma velha caixa de brinquedos? A partir do brincar com os materiais ali presentes, um mundo se ergue oferecendo abrigo e pertença. Matéria e sonho, velho e novo, nascimento e morte congregam-se nesta caixa.

Neste sonhar acordado, ensaiam-se enredos que mesclam histórias e hábitos familiares - perspectivas dos saberes culturais mais amplos. Nada há de efêmero nesse tipo de experiência: ensaia-se o amor, as brigas, as perdas, as risadas, os incidentes, a vida. Exemplarmente pensada aqui a partir de uma caixa de brinquedos, o poético pode referir-se a profundas descobertas sobre a verdade do ser.

³ Na articulação proposta, “a obra de arte é o lugar onde o combate entre terra e mundo fica evidente e nunca se extingue, mantendo-se tenso, e assim trazendo à tona o que há de mistério na terra enquanto enigma, e o que há de claro no mundo, enquanto aquele que articula significações” (CLINI, 2013, p. 651).

Como discutido no início deste trabalho, na linguagem poética o *Dasein* acede à experiência de escuta do apelo do ser, como a clareira aberta e sem nome em que tudo se dá, assim como o próprio dar-se do que é. Não mais preso a representações explicativas e restrito a relações de causalidade, o *Dasein* pode enfim, mesmo que momentaneamente, se aventurar na experiência de ter de ser sendo abertura de sentido em indeterminação. Estranhando-se diante da perda das referências usuais de si e do mundo, é no pensamento meditante que o *Dasein* pode suportar a estranheza e a disruptura, renunciando à pretensão de tudo controlar.

A partir destas considerações sobre a realização da verdade do ser, articuladas com as experiências dos estagiários, se retoma o questionamento inicial e condutor deste artigo, agora na forma de outra pergunta: será possível articular tal horizonte com a formação em psicologia?

Considerações finais

Ao se retomar a compreensão grega da palavra “técnica”, a *techné* designava que a produção de algo também abarcava as artes, não sendo mera reprodução, mas, sobretudo *poiesis*, no sentido de trazer à luz algo que passa a ser real, comunicando sentido (POMPEIA & SAPIENZA, 2011). Deste modo, posso pensar que o brincar ao qual Benjamin se refere também possa remeter à aprendizagem de um ofício quase artesanal, no qual a experiência poética pode se apresentar nas franjas da formação. Entretanto, reconheço as dificuldades em trabalhar a *poiesis* na formação do psicólogo, visto que os critérios de previsão e controle da técnica moderna são hegemônicos, pouco permitindo abertura a esse tipo de linguagem.

No entanto, acompanhando a desconstrução da técnica moderna citada, tratar-se-ia de uma experiência des-formadora, no sentido de reconduzir pensamento e sensibilidade por outras trilhas que não apenas às dos moldes usuais de explicação do fenômeno.

Nesse sentido, poderia ela ocorrer à margem e nas brechas dos programas e disciplinas formalizados nos cursos de graduação em psicologia? Neste caso, quais espaços seriam mais continentais a sua compreensão? Será que os estágios de atendimento têm lugar privilegiado nesse tipo de linguagem? Ou poderia se pensar que a dimensão

poética se refere ao modo sensível de se estar com o outro e que, portanto, diz respeito à formação, não se restringindo à esfera clínica?

Primeiramente, discorrer sobre a formação do psicólogo clínico na perspectiva fenomenológica existencial trouxe a importância do espaço da supervisão como possibilidade de compreender tal perspectiva a partir de uma prática reflexiva e não de uma exposição teórica. E foi neste espaço que um aspecto preocupante se destacou, sendo agora possível afirmar que serviu de grande motivação para esta escrita: os relatos reflexivos dos estagiários sobre as suas situações de atendimento se revelaram restritos, cansados, destituídos da voz do dono, por demais impessoais. Tal preocupação não é mera retórica pois Heidegger mesmo alertava que “o esvaziamento da linguagem, que prolifera rápido por toda parte, não corrói apenas a responsabilidade estética e moral, vigente em todo emprego da linguagem. Provém de uma ameaça à Essência do homem” (HEIDEGGER, 1979, p. 32).

Considerando-se que o esvaziamento da linguagem ocorre pelo uso excessivo e quase exclusivo do pensamento calculante, marcado pela utilidade, Mattar (2017, p.08-09) aponta uma possibilidade de ruptura ao afirmar que:

Se a utilidade tem sido tomada ou imposta como sendo o essencial, trata-se aí da ilusão fomentada pela técnica com a proliferação de informações que substituem a atenção e o cuidado em toda a parte. (...) Resistir é *pre-ocupar-se* com o que não tem utilidade. (...) Justamente por não trazer indicações com as quais se possa fazer algo para obter resultados é que se pode pensar.

Posto isso, nos atendimentos houve um predomínio da linguagem categorial e explicativa que busca, por meio do convívio, ajudar o cliente a entender e superar os seus conflitos. Menos frequentemente, se observou o surgimento da linguagem poética, expressa no uso de imagens e metáforas que convocavam o cliente, no sentido de um chamamento a desvelar e apropriar-se do seu modo de ser, mais do que no responder a resolução de um conflito pontual.

A linguagem poética, por sua vez, não possui função ou utilidade alguma. Entretanto, este artigo revelou como esta linguagem pode se aproximar do que Heidegger denominou de pensamento meditante. Diferenciando-se do pensamento calculante, que é o pensar predominante na atualidade, no qual se pretende que tudo pode ser mensurado e colocado em termos de causalidade previsível, o pensamento meditante renuncia à atitude de cálculo e controle. Ele se coloca como uma reflexão orientada para o sentido das coisas, no sentido de abrir mão de um controle voluntarista para permitir e suportar que

as coisas venham à luz por si mesmas, a partir do insondável acontecimento do ser (DANTAS, SÁ & CARRETEIRO, 2009). A linguagem poética, justamente por não possuir utilidade alguma, afina-se com o pensamento calculante ao propiciar que as coisas apareçam sem a necessidade de estarem enquadradas em um horizonte predeterminado de cálculo, suportando e estando mais condizente com a condição humana de abertura.

No que concerne o incentivo ao cultivo da linguagem poética e do pensamento meditante nos cursos de formação, Morato (2017, p. 12) lança uma luz ao afirmar que “ser clínico diz da produção de cuidar possibilitando a expressão do vir a ser humano, acompanhando quem procura cuidar da reflexão para um habitar autêntico”. Assim, a ação clínica da prática psicológica deve se pautar pela necessidade de quem busca cuidar-se. Isto é possível e legitimado na medida em que o usual entendimento da técnica ceda lugar à noção de “criação ou arte que se dirige à construção daquilo que se dispõe a apresentar-se como é, pela liberdade de ser referente a sua própria condição.” (MORATO, 2017, p. 12).

Tal noção diferenciada de técnica se encontra na desconstrução das significações usuais deste termo, desvelando a concepção originária presente no termo *techné*. Neste sentido de criação, a *techné* se aproxima da noção de *poiesis*, gesto criador de mundo e de realização da verdade do ser. Tal proposta não é somente uma possibilidade, mas um desafio a supervisores, psicoterapeutas, docentes e a todos pre-ocupados com a prática psicológica na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção Obras escolhidas, v. 1.).

BRASIL, Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. *Tábua completa de mortalidade para o Brasil*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73097>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CABRAL, E. B. C.; MORATO, H. T. P. Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Orgs.). *Prática*

Psicológica na Perspectiva Fenomenológica. 1.ed. Rio de Janeiro: Juruá Editora Ltda., 2013.

CLINI, M. M. As cores de Pastore: reflexões fenomenológicas sobre o grafite e a arte de viver. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v.13, n.2, p. 646-677, 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/8430/>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

CRITELLI, D. M. *Analítica do Sentido*: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC/Brasiliense, 1996.

DANTAS, J. B., SÁ, R. N.; CARRETEIRO, T. C. O. C. A patologização da angústia no mundo contemporâneo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 61, n. 2, p. 1-9, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200010>. Acesso em: 04 fev. 2021.

GADAMER, H. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes, 1997.

GUIMARÃES ROSA, J. *Tutaméia*: terceiras estórias. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Lisboa: Edições 70, 1977.

_____. *. *Carta sobre o humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

_____. *. *Língua de tradição e língua técnica*. Lisboa: Vega, 1995.

_____. *. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

_____. *. *Ser e tempo*. v. 1, 2. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

_____. *. A questão da Técnica. In: _____. *Ensaio e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. *. *Os conceitos fundamentais da metafísica*: mundo, finitude, solidão. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. *. *Seminários de Zollikon*: protocolos, diálogos, cartas. São Paulo: Escuta, 2017.

POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. *Os dois nascimentos do homem*: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

_____. *. Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais. São Paulo: EDUC; ABD, 2013.

MAGLIANO, F. R.; SÁ, R. N. Reflexões heideggerianas sobre técnica, liberdade e práticas psicológicas clínicas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 67 n. 2, p. 19-32, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/abp/v67n2/03.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

MATTAR, C. M. Prefácio. In: SÁ, R. N. *Para além da técnica: ensaios fenomenológicos sobre psicoterapia, atenção e cuidado*. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2017.

MORATO, H. T. P. Algumas considerações da fenomenologia existencial para a ação psicológica na prática e na pesquisa em instituições. In: BARRETO, C. L. B. T.; MORATO, H. T. P.; CALDAS, M. T. (Orgs.). *Prática psicológica na perspectiva fenomenológica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Juruá Editora Ltda., 2013.

_____. Um prefácio a título de prelúdio ou prólogo. In: DUTRA, E.; MAUX, A. A. B. (Orgs.). *Pesquisa em psicologia fenomenológico-existencial: interpretações do sofrimento na contemporaneidade*. Curitiba: CRV, 2017.

PRADO, A. *Bate-papo poético entre Rubem Alves e Adelia Prado*. Programa de Rádio e de Televisão (TV) da RTV-Unicamp, 1990. Disponível em: <https://youtu.be/uCbqzb_Hsuw>. Acesso em: 04 fev. 2021.

SÁ, R. N. As influências da fenomenologia e do existencialismo na psicologia. In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. *História da Psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.

SÁ, R. N., AZEVEDO JUNIOR, O.; LEITE, T. L. Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário. *Revista da Abordagem Gestáltica*, v. 16, n. 2, p. 135-140, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 fev. 2021.

SODELLI, M.; SODELLI, A. T. Visitando os Seminários de Zollikon: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Psicologia Revista*. v. 20, n. 2, p. 245-272, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/10343>>. Acesso em: 04 fev. 2021.

VAN DEN BERG, J. H. *O paciente psiquiátrico: esboço de Psicopatologia Fenomenológica*. Campinas: Editora Psy, 2003.

Recebido em: 11/08/2020 | Aprovado em: 04/02/2021